

o caminho das mãos
saga do império malazano / livro três
steven erikson

Tradução de Carol Chiovatto

Adaptação de Susana Clara



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

DEDICATÓRIA

Este romance é dedicado a dois cavalheiros:
David Thomas Jr.,
que me recebeu em Inglaterra
e que me apresentou a um certo agente,
e Patrick Walsh,
o agente a quem ele me apresentou.
Têm demonstrado muita confiança
ao longo dos anos e por isso agradeço aos dois.

SETE CIDADES

IMPÉRIO MALAZANO, CERCA DE 1160,
SONO DA CRESTA





MAR DE
KALTEPE
KADESH

DESERTO
BANDIKO

MAR
BANDIKO

MAR
TALGAI

KARAKARANG

MAR DE
GALLADA

CANHASAN

BELBASI

KAROKITCH

OLEN BRAE

RU TU JELBA

ADIL

NEVASA

NOH

PUR
ATRII

OLONETZ
BRAE

SKARA
BRAE

MAR
OTATARAL

DESERTO
OTATARAL

LONGSHAN

KANSU

FLORESTA
ARATH

EHRLITAN

AHOL TAPUR

ENJO

ESTARB

KARAKU

MAR DE
EHRLITAN

PAN'POTSUN

DOSIN PALI

LATO REVAE

MERSIN

KARASCHIMESH

MONTANHAS
PATH'APUR

SIALK
ODHAN

HISSAR

ODHAN

OMARI

UBARYD
ODHAN

HALAF

GURAN

CARON
TEPASI

SIALK

JENA

FLORESTA DE VATHAR

ASMAR

TEPPES

MONTANHAS
CARON

MAR
SAHUL

BYLAN

MAR
UBARYD

BAKUN

JAMDAT

ABISMO
DOS
CAÇADORES

GELEEN

MAR
INCLINADO
DE DOJAL

TARXIAN

SARSA

AREN

DHEBEL

PARA QUON TALI

PARA ILHAS
FALARI

CORRENTE DE CÃES

MARCHA DE COLTAINE,
A PRIMEIRA METADE

-  BAT'ROL
-  CRUZAMENTO SEKALA
-  CORDILHEIRA DE GELOR



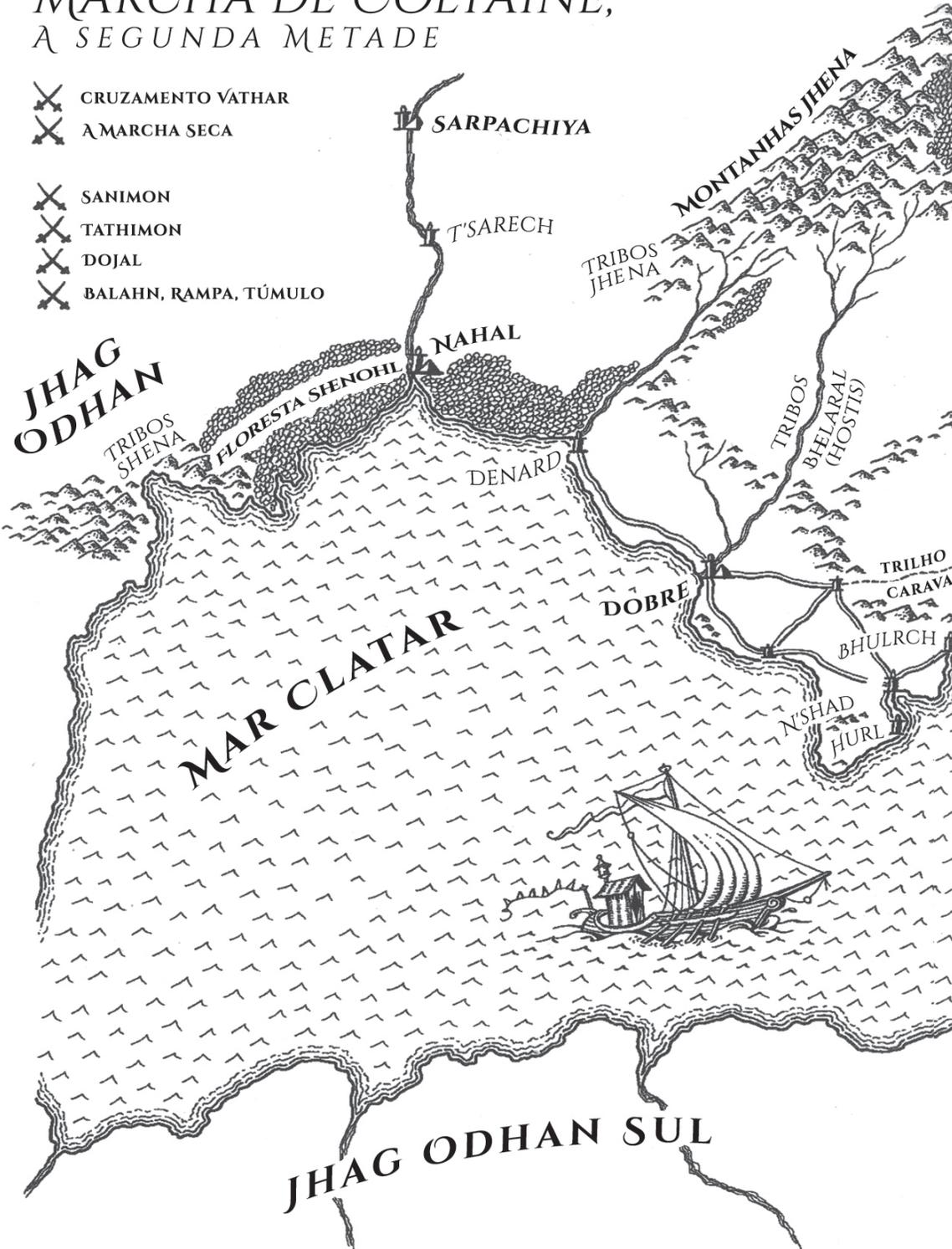


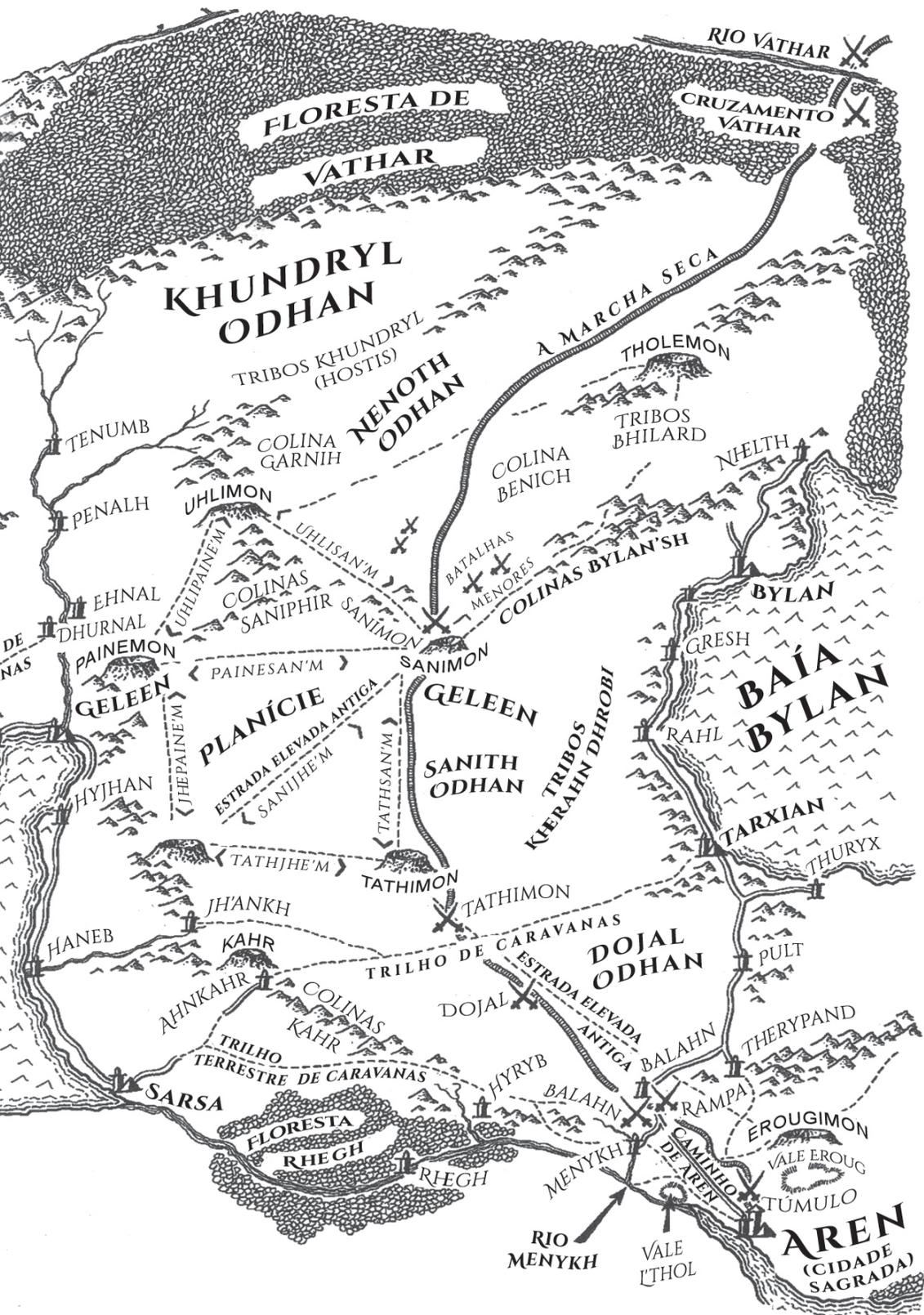
CORRENTE DE CÃES

MARCHA DE COLTAINE, A SEGUNDA METADE

✕ CRUZAMENTO VATHAR
✕ A MARCHA SECA

✕ SANIMON
✕ TATHIMON
✕ DOJAL
✕ BALAHN, RANPA, TÚMULO





AGRADECIMENTOS

Com a mais profunda gratidão, agradeço às seguintes pessoas o seu apoio: aos funcionários do Café Rouge em Dorking (pelo fluxo contínuo de café...); ao pessoal da Psion, cujo extraordinário Série 5 foi o lar do primeiro rascunho deste romance; ao Daryl e aos funcionários do Café Hosete; e, obviamente, a Sion Taylor e ao resto da Transworld. À minha família e amigos, agradeço a vossa confiança e encorajamento, sem os quais tudo o que alcanço pouco significaria. Agradeço também a Stephen e Ross Donaldson pelas suas gentis palavras, a James Barclay, a Sean Russell e a Ariel. Finalmente, um enorme obrigado àqueles leitores que dedicaram algum tempo a escrever os seus comentários em vários *websites* — escrever é uma atividade singular e solitária, mas vocês tornaram-na um pouco menos só.

PERSONAGENS

No Caminho das Mãos

Icarium, um viajante mestiço jaghut

Mappo, o seu companheiro trell

Iskaral Pust, um sumo-sacerdote da Sombra

Ryllandaras, o chacal branco, um d'ivers

Messremb, um soletaken

Gryllen, um d'ivers

Mogora, uma d'ivers

Os Malazanos

Felisin, a filha mais nova da Casa Paran

Heboric Toque Leve, historiador exilado e ex-sacerdote de Fener

Baudin, companheiro de Felisin e Heboric

Violinista, Nono Pelotão, Queimadores de Pontes

Crokus, um visitante vindo de Darujhistan

Apsalar, Nono Pelotão, Queimadores de Pontes

Kalam, um cabo do Nono Pelotão, Queimadores de Pontes

Duiker, historiador imperial

Kulp, feiticeiro do Quadro, Sétimo Exército

Mallick Rel, conselheiro-chefe do Alto Punho das Sete Cidades

Sawark, Comandante da Guarda no campo de minério de otataral,
Covil da Caveira

Pella, soldado destacado no Covil da Caveira

Pormqual, Alto Punho das Sete Cidades, em Aren

Blistig, Comandante da Guarda de Aren

Topper, Comandante da Garra

Bonança, um capitão dos marinheiros de *Sialk*

Chenned, um capitão do Sétimo Exército
Sulmar, um capitão do Sétimo Exército
Lista, um cabo do Sétimo Exército
Moedor, um sapador
Lula, um sapador
Gesler, um cabo da Guarda Costeira
Tempestade, um soldado da Guarda Costeira
Verdade, um recruta da Guarda Costeira
Vesgo, um arqueiro
Pérola, um Garra
Capitão Keneb, um refugiado
Selv, esposa de Keneb
Minala, irmã de Selv
Kesen, filho mais velho de Keneb e Selv
Vaneb, filho mais novo de Keneb e Selv
Capitão, dono e Comandante do navio mercante *Ragstopper*
Torto, um cão-pastor wickano
Barata, um cão de estimação hengês

Wickanos

Coltaine, Punho, Sétimo Exército
Temul, um jovem lanceiro
Sormo E'nath, um mago
Nil, um mago
Nether, uma feiticeira
Bult, um Comandante veterano e tio de Coltaine

Os Lâminas Vermelhas

Baria Setral (Dosin Pali)
Mesker Setral, seu irmão (Dosin Pali)
Tene Baralta (Ehrlitan)
Aralt Arpat (Ehrlitan)
Lostara Yil (Ehrlitan)

Nobres da Corrente de Cães (Malazanos)

Nethpara

Lenestro

Pullyk Alar

Tumlit

Seguidores do Apocalipse

Sha'ik, líder da rebelião

Leoman, capitão do Apocalipse em Raraku

Toblakai, um guarda-costas e guerreiro do Apocalipse em Raraku

Febryl, um mago e conselheiro ancião de Sha'ik

Korbolo Dom, Punho renegado que lidera o exército do Odhan

Kamist Reloe, Alto Mago destacado para o exército do Odhan

Loric, um mago do Apocalipse em Raraku

Bidithal, um mago do Apocalipse em Raraku

Mebra, um espião em Ehrlitan

Outros

Salk Elan, um viajante dos mares

Shan, um dos Cães da Sombra

Engrenagem, um dos Cães da Sombra

Cega, um dos Cães da Sombra

Baran, um dos Cães da Sombra

Crucifixo, um dos Cães da Sombra

Moby, um familiar

Hentos Ilm, uma Invocadora de Ossos t'lan imass

Legana Breed, um t'lan imass

Olar Ethil, um Invocador de Ossos t'lan imass

Kimloc, um espírito caminhante tanno

Beneth, um senhor do crime

Irp, um pequeno servo

Rudd, um servo igualmente pequeno

Apto, um demónio aptório

Panek, uma criança

Karpolan Demesand, um comerciante

Bula, uma estalajadeira

Cotillion, Patrono dos Assassinos

Trono Sombrio, Governante da Alta Casa da Sombra

Rellock, um servo

LIVRO 3

A CORRENTE DE CÃES

Quando as areias
dançaram cegas,
ela emergiu do rosto
de uma deusa em fúria

Sha'ik
Bidithal

CAPÍTULO ONZE

Se procura os ossos esmigalhados
dos t'lan imass,
segure numa das mãos
as areias do Raraku

O Deserto Sagrado
Anónimo

Kulp sentia-se como um rato numa enorme câmara cheia de ogres, enjaulado por sombras e a instantes de ser pisoteado e esmagado. Nunca antes entrar no Labirinto Meanas fora tão... *pleno*.

Havia ali estranhos, intrusos, forças tão hostis ao reino que a própria atmosfera se reprimia. A parte da sua essência que tinha deslizado através do tecido fora reduzida a uma criatura agachada que se encolhia. Ainda assim, tudo o que conseguia sentir era uma série de passagens desumanas, os rastros revirados que marcavam os caminhos tomados pelos seres indesejados. Os seus sentidos gritaram-lhe — por alguns momentos, pelo menos — que estava sozinho e que a paisagem parda que se estendia era destituída de vida.

Ainda assim, tremia de pavor.

Dentro da sua mente, estendeu uma mão para trás, e encontrou a garantia tátil do lugar onde o seu corpo existia, o sangue a correr-lhe nas veias, o peso sólido da carne e dos ossos. Estava sentado na cabine do capitão do *Silanda*, observado por um Heboric atento e inquieto, enquanto os outros aguardavam no convés, sempre a perscrutarem o horizonte ininterrupto, impiedosamente plano para todos os lados.

Precisavam de encontrar uma forma de sair dali. Todo o Labirinto Ancestral onde se encontravam estava inundado por um mar raso e espesso. Os remadores conseguiriam impulsionar o *Silanda* para diante durante mil anos, até a madeira lhes apodrecer nas mãos mortas, até os cabos se romperem, até o navio começar a desintegrar-se ao seu redor; o tambor ainda tocaria e as costas ainda se curvariam. *E estaremos mortos há muito tempo, nada mais que poeira podre*. Para escapar precisavam de encontrar uma forma de trocarem de labirinto.

Kulp amaldiçoou as suas próprias limitações. Se fosse um prático de

Serc, Denul, D'riss ou, na verdade, qualquer um dos outros labirintos acessíveis a humanos, encontraria o que precisavam. *Mas não Meanas. Sem mares, sem rios, nem mesmo uma poça amaldiçoada pelo Encapuzado.* De dentro do seu labirinto, Kulp procurava efetuar uma passagem para o mundo mortal... o que se revelava problemático.

Estavam presos por leis peculiares, por regras da natureza que pareciam jogar com os princípios de causa e consequência. Se estivessem a conduzir uma carroça, a passagem pelos labirintos tê-los-ia levado inevitavelmente para um caminho seco. Os elementos primordiais reivindicavam uma consistência intratável através de todos os labirintos. Terra para terra, ar para ar, água para água.

Kulp ouvira falar de Altos Magos que — dizia-se — tinham encontrado maneiras de ludibriar essas leis ilimitáveis, e talvez os deuses e outros Ascendentes também possuísem tal conhecimento. Porém, estes estavam tão além de um modesto mago de regimento como a forja de um ogre para um rato encolhido.

A sua outra preocupação era para com a imensidão da tarefa em si. Arrastar um punhado de companheiros pelo seu labirinto era difícil, mas possível. *Mas um navio inteiro!* Esperara encontrar inspiração assim que estivesse dentro do Labirinto Meanas, algum raio que lhe revelasse uma solução simples e elegante. *Com toda a graça da poesia. Não foi o próprio Pescador Kel'Tath que uma vez disse que a poesia e a feitiçaria eram os gumes gêmeos da faca no coração de todo homem? Onde estão as encostas da minha magia então?*

Kulp admitiu acidamente que se sentia tão estúpido dentro de Meanas como sentado na cabine do capitão. *A arte da ilusão é uma graça em si mesma. Tem de haver uma forma de... de abrir um caminho através de logros. O que é real versus o que não é apresenta-se como uma sinergia dentro de uma mente mortal. E a forças maiores? Pode a própria realidade ser ludibriada a ponto de se afirmar como irrealidade?*

Os seus sentidos estridentes mudaram de tom. Kulp já não estava sozinho. O ar espesso e túrgido do Labirinto Meanas — onde as sombras tinham uma textura semelhante à sílica e passar por elas era sentir um êxtase trémulo — tinha começado a inflar, depois a curvar-se, como se algo gigantesco se aproximasse, empurrando o ar à sua frente. E o que quer que fosse vinha depressa.

Um pensamento repentino encheu a mente do mago. E, mais do que isso, possuía... *elegância. Pelos dedos do pé de Togg, conseguirei fazer isto?*

Aumento da pressão, depois a esteira vazia, certa correnteza, certo fluxo. Encapuzado, não é água, mas é muito semelhante.

Espero.

Viu Heboric saltar para trás, alarmado, e bater com a cabeça numa viga baixa da cabine. Kulp voltou para o seu corpo e soltou um arquejo áspero.

— Estamos prestes a partir, Heboric. Prepare toda a gente!

O velho esfregava um coto na parte de trás da cabeça.

— Preparar para quê, mago?

— Qualquer coisa.

Kulp afastou-se novamente, a escalar mentalmente o caminho até à sua âncora dentro de Meanas.

O Indesejável vinha, uma força de tamanho poder que conseguia fazer a atmosfera febril estremecer. O mago viu as sombras próximas vibrarem até se dissolverem. Sentiu a indignação encher o ar, a terra lamacenta sob os seus pés. O que quer que estivesse a atravessar o labirinto tinha atraído a atenção de... *tanto faz — do Trono Sombrio, dos Cães —, ou talvez os labirintos estejam mesmo vivos.* Fosse como fosse, a coisa aproximava-se, com arrogante descaso.

Kulp, de repente, lembrou-se do ritual de Sormo, que os levava até ao labirinto dos t'lan imass, nos arredores de Hissar. *Oh, Encapuzado, soletaken ou d'ivers... mas tanto poder! Quem no Abismo tem tanto poder?* Conseguia pensar apenas em dois: Anomander Rake, o Filho da Escuridão, e Osric. Ambos soletaken, ambos arrogantes supremos. Se houvesse outros, as histórias das suas atividades teriam chegado até ele, de certeza. *Os guerreiros falam sobre heróis. Os magos falam sobre Ascendentes.* Teria ouvido.

Rake estava em Genabackis, e dizia-se que Osric tinha voltado para um continente bastante mais a sul há cerca de um século. *Bem, talvez o bastardo de olhos frios tenha voltado.* De qualquer forma, estava prestes a descobrir.

A presença chegou. Com a barriga espiritual colada ao chão, Kulp levantou a cabeça na direção do céu.

O dragão aproximou-se bastante da terra. Desafiava qualquer imagem de um ser draconiano que Kulp já vira. *Não é Rake, nem Osric.* Com uma estrutura óssea gigantesca e pele semelhante ao couro seco de um tubarão, a envergadura das suas asas sobrepunha-se até mesmo àquela do Filho da Escuridão — *que tem dentro de si o sangue da deusa draconiana* —, e as asas nada tinham da graça suave e encurvada; os ossos possuíam múltiplas articulações num padrão de fissuras, como o de uma asa de morcego esmagada, com todas as articulações salientes sob a pele retesada e gretada. A cabeça

do dragão tinha uma largura igual ao comprimento, como a de uma víbora, e olhos no alto da cabeça. Não possuía crista na testa; em vez disso, a cabeça ostentava um declive que descia até à base de recorte irregular, quase enterada dentro do pescoço e dos músculos das mandíbulas.

Um rascunho primitivo de dragão, uma criatura que exalava uma aura de antiguidade primordial. Kulp também percebeu, com um sobressalto ofegante, à medida que os seus sentidos devoraram tudo o que a criatura projetava, que era *morta-viva*.

O mago sentiu o momento em que o dragão ficou consciente da sua presença, enquanto navegava num sussurro cerca de quarenta metros acima. Uma repentina agudeza de intensidade que depressa se transformou em indiferença.

Quando, na esteira do dragão, surgiu um vento mordaz, Kulp deitou-se de costas no chão e sibilou as poucas palavras de Alto Meanas que possuía. O tecido do labirinto rasgou-se, um rasgão que mal tinha tamanho para permitir a passagem de um cavalo, mas abriu-se num vácuo, e o vento guinchante tornou-se um rugido.

Ainda a pairar entre reinos, Kulp viu, com espanto, a proa encrustada de lama do *Silanda* preencher a fenda. O tecido rasgou-se mais, depois mais ainda. De repente, a haste da âncora da embarcação pareceu assustadoramente larga. O espanto do mago transformou-se em medo, depois em pavor. *Oh, não, eu consegui.*

A água leitosa e cheia de espuma jorrou em redor do casco do barco. A passagem alargava-se por todos os lados, incontrolável, quando o peso de um mar começou a jorrar com força.

Uma parede de água desceu sobre Kulp e um momento depois atacou, destruindo a sua ancoragem, a sua presença espiritual. Tinha voltado à cabine rangente do capitão. Heboric estava na soleira da porta, meio dentro e meio fora da cabine, a lutar para encontrar apoio enquanto o *Silanda* navegava a onda.

O ex-sacerdote lançou um olhar fulminante a Kulp ao ver o mago endireitar-se.

— Diga-me que planeou isto! Diga-me que está sob o seu controlo, mago!

— Claro, seu idiota! Não consegue perceber? — Ele subiu para o corredor, apoiando-se na mobília aparafusada ao chão, passando por cima de Heboric enquanto prosseguia. — Aguenta-se, velho, estamos a contar consigo!

Heboric grunhiu algumas palavras bem escolhidas por trás de Kulp, enquanto o mago se encaminhava para o convés principal.

Se a passagem do Indesejável seria amargamente tolerada e não diretamente confrontada pelos poderes dentro de Meanas, a laceração do labirinto obliterava a opção de se refrear. Aquilo era um dano de proporções cósmicas, uma ferida que, provavelmente, estava para além de qualquer reparo.

Posso ter acabado de destruir o meu próprio labirinto. Se a realidade não puder ser ludibriada. Claro que pode ser ludibriada — estou sempre a fazer isso!

Kulp subiu ao convés principal e correu para o castelo de popa. Gesler e Tempestade estavam ao leme, ambos a sorrir abertamente como tolos dementes enquanto lutavam para manter o curso. Gesler apontou para a frente e Kulp virou-se para ver a aparição vaga, espectral do dragão, com a sua cauda estreita e ossuda a ondular de um lado para o outro como uma cobra a atravessar a areia. Enquanto observava, a cabeça em forma de cunha da criatura apareceu quando ela se virou para lançar as cavidades oculares negras e mortas na direção do grupo.

Gesler acenou.

Obrigando-se a despertar, Kulp atravessou o vento com dificuldade, chegando à balaustrada da popa, que agarrou com as duas mãos. A fenda já estava longe — *mas ainda era visível, o que quer dizer que deve estar... ah, Encapuzado!* A água jorrava numa torrente em queda no rasto deixado pelo dragão soletaken. O facto de não se ter espalhado por todos os lados devia-se inteiramente à massa de sombras que Kulp via a atacar as suas orlas — e a serem destruídas na tentativa. Mas mais chegavam. A tarefa de curar a brecha era tão esmagadora que negava qualquer oportunidade de se aproximar da fenda, de fechar a ferida em si.

Trono Sombrio! E qualquer outro respeitável Ascendente bastardo que esteja a ouvir! Talvez eu não tenha fé em nenhum de vós, mas é melhor que tenham fé em mim. E rápido! A ilusão é o meu dom, aqui e agora. Acreditem! Com os olhos na fenda, Kulp afastou as pernas, fincando-as no chão, depois largou a balaustrada da popa e ergueu os dois braços.

Fechar-se-á! Curar-se-á! O cenário em seu redor oscilou, o rasgo foi selado, costurando as extremidades. O fluxo da água diminuiu. Ele pressionou com mais força, desejando que a ilusão se tornasse real. Os seus membros tremeram. O suor brotou-lhe na pele, e encharcou-lhe as vestes.

A realidade empurrou-o de volta. A ilusão turvou-se. Os joelhos de

Kulp dobraram-se. Agarrou-se à balastrada para se manter direito. Estava a falhar. *Não tenho mais forças. A falhar. A morrer...*

A força que o atingiu pelas costas foi como um golpe físico na parte de trás da cabeça. A sua visão ficou repleta de estrelas latejantes. Um poder forasteiro atravessou-o, forçando-o a ficar direito novamente. De pernas abertas, sentiu os pés deixarem o convés inclinado. O poder segurou-o, fazendo-o pairar no lugar; uma determinação fria como gelo inundou-lhe a carne.

O poder era morto-vivo. A determinação que se agarrou a ele era a de um dragão. Tingido de irritação, relutante em agir, mesmo assim agarrou a falta de lógica da feitiçaria de Kulp... e deu-lhe toda a força de que precisava. E mais.

Ele gritou e a dor apunhalou-o com fogo glacial.

Os mortos-vivos não se importavam nada com os limites da carne mortal — uma lição que agora lhe ardia nos ossos.

A fenda distante fechou-se. De repente, outros poderes canalizaram-se através do mago. Ascendentes, percebendo as intenções ultrajantes de Kulp, varrendo-o para se juntarem ao jogo com uma alegria sombria. *Sempre um jogo. Malditos sejam, são todos uns bastardos! Retiro as minhas preces! Estão a ouvir-me? Que o Encapuzado vos leve a todos!*

Ele percebeu que a dor tinha desaparecido; o dragão soletaken desviara a sua atenção assim que outras forças chegaram para tomar o seu lugar. Entretanto, continuou a pairar a alguns centímetros acima do convés; os seus membros contraíam-se enquanto os poderes que o usavam se divertiam ao beliscarem a sua mortalidade. Não com a indiferença de um morto-vivo, mas com malícia. Kulp começou a sentir saudades do primeiro.

Caiu de repente, batendo com os joelhos no convés enlameado. *Ferramenta usada, agora descartada...*

Tempestade apareceu a seu lado, a balouçar um odre de vinho diante do seu rosto. Kulp agarrou-o e virou-o até sua boca estar cheia do líquido azedo.

— Continuamos na esteira do dragão — disse o soldado. — Mas já não estamos na água. Aquele jorro ficou tão fechadinho como o traseiro de um sapador. O que quer que tenha feito funcionou, mago.

— Ainda não acabou — resmungou Kulp, tentando estabilizar os seus membros trémulos. Engoliu mais vinho.

— Tenha cuidado — disse Tempestade com um sorriso largo. — Isso bate forte, mesmo na parte de trás da cabeça...

— Não vou notar a diferença. O meu crânio já está uma papa.

— Você iluminou-se com um fogo azul, mago. Nunca vi nada parecido. Vai dar uma história boa pra caramba para contar nas tabernas.

— Ah, finalmente alcancei a imortalidade. Toma lá, Encapuzado!

— Está em condições de se levantar?

Kulp não foi demasiado orgulhoso para recusar o braço que o soldado lhe oferecera quando se levantou, cambaleante.

— Dê-me uns minutos — disse ele. — Depois vou tentar tirar-nos do labirinto... de volta para o nosso reino.

— A viagem vai ser tão dura como esta, mago?

— Espero que não.

Felisin estava de pé no convés do castelo de proa, a observar o mago e Tempestade a passarem o odre de vinho entre si. Tinha sentido a presença dos Ascendentes, a atenção fria e pálida a tanger e a espicaçar o barco e todos os que ali estavam. O dragão foi o pior de todos, gélido e distante. *Como moscas no seu couro, foi tudo o que fomos para ele.*

Ela voltou-se. Baudin observava a imensa aparição alada a abrir caminho, com a mão enfaixada levemente apoiada sobre a balaustrada esculpida. A matéria sobre a qual navegavam, qualquer que fosse, rolava por baixo delas numa onda sussurrante. Os remos ainda trabalhavam com paciência implacável, embora fosse claro que o *Silanda* se movia com maior velocidade do que qualquer conjunto de músculos e ossos poderia alcançar — mesmo que fossem os músculos e ossos de mortos-vivos.

Olhem para nós. Um punhado de destinos. Não controlamos nada, nem mesmo o nosso próximo passo nesta jornada louca e tensa. O mago tem a sua feitiçaria, o velho soldado tem a sua espada de pedra e os outros dois têm a sua fé no deus de presas. Heboric... Heboric não tem nada. Quanto a mim, tenho pústulas e cicatrizes. Isto é o que temos.

— A besta prepara-se...

Ela olhou para Baudin. *Ah, sim, esqueci-me do bandido. Ele tem os seus segredos, se é que valem alguma coisa. Provavelmente muito pouco.*

— Prepara-se para quê? Também és especialista em dragões?

— Está alguma coisa a abrir-se lá à frente. Há alguma coisa no céu. Estás a ver?

Ela via. Na ininterrupta mortalha cinzenta tinha aparecido uma mancha mais à frente, uma mancha de bronze que se aprofundou e aumentou. *Uma palavra para o mago, acho eu...*

No entanto, na altura em que se virou, a mancha aumentou, ocupando metade do céu. De algures atrás deles ouviu-se um uivo de indignação estrangulada. Sombras atravessaram-se no seu caminho, tombando para todos os lados à medida que a proa do *Silanda* passava no meio delas. O dragão encurvou as asas, desaparecendo numa conflagração brilhante de fogo cor de bronze.

Rodopiando, Baudin envolveu Felisin nos seus braços enormes e agachou-se para a proteger quando o fogo varreu o barco. Ela ouviu-o sibilar quando as chamas os engoliram.

O dragão encontrou um labirinto... para queimar as moscas do seu couro!

Ela estremeceu quando as chamas lambeiram a massa protetora de Baudin. Conseguir senti-lo a arder — a camisa de couro, a pele das suas costas, o seu cabelo. Os seus arquejos eram punhaladas de agonia nos seus pulmões.

Depois Baudin fugiu, levando-a ao colo sem esforço, saltando as escadas para o convés principal. Vozes gritavam. Felisin viu de relance Heboric — com as suas tatuagens encobertas por fumo preto — a cambalear, foi contra a balaustrada a bombordo, para em seguida cair borda fora.

O Silanda ardia.

Ainda a correr, Baudin passou pelo mastro principal. Kulp surgiu no seu campo de visão de repente e agarrou nos braços do bandido; quando tentou gritar alguma coisa, as chamas que rugiam desapareceram. No entanto, Baudin tinha-se tornado uma coisa insensata no meio da sua dor; esticou o braço para a frente, de modo a arremessar o mago para trás para o meio das chamas.

A gritar, Baudin cambaleou para a frente num voo cego e desesperado para o castelo de popa. Os marinheiros tinham desaparecido — ou tinham sido incinerados ou estavam a morrer nalgum lugar por baixo do convés. Felisin não se debateu. Vendo que não havia escapatória possível, quase deu as boas-vindas às ferroadas do fogo que começavam a vir com uma frequência cada vez maior.

Ela limitou-se a ver Baudin a carregá-la para a balaustrada da popa.

Caíram.

O ar foi arrancado dos seus pulmões quando atingiram a areia compacta. Ainda abraçados um ao outro, rolaram por uma encosta íngreme e pararam no meio de uma pilha de paralelepípedos desgastados pela água. O fogo bronze desaparecera.

Felisin olhou para a clara luz do sol lá no alto enquanto o pó baixava ao redor deles. Algures perto da sua cabeça, moscas zumbiam, um som tão

natural que ela estremeceu — como se os muros de defesa que mantinha desesperadamente se desmorrassem dentro de si. *Voltámos. Casa.* Sabia-o com uma certeza instintiva.

Baudin grunhiu, afastando-se devagar; as pedras deslizaram e rangeram por baixo dele.

Ela olhou para ele. O homem já não tinha cabelo, restando-lhe apenas uma cabeça bastante queimada da cor do bronze manchado. Da sua camisa de couro tinham sobrado apenas umas tiras que pendiam das suas costas largas como uma teia carbonizada. Além disso, a pele das suas costas estava mais escura e mais manchada do que a da cabeça. As ligaduras da sua mão também tinham desaparecido, deixando à mostra os dedos inchados e as articulações contundidas. Miraculosamente, a sua pele não estava gretada nem rasgada; em vez disso, Baudin parecia ter sido revestido a ouro. *Temperado.*

Baudin levantou-se devagar e cada movimento causava-lhe uma dor penetrante. Felisin viu-o pestanejar e inspirar fundo. Os olhos dele arregalaram-se e olharam para baixo, para si mesmo.

Não é o que esperavas. A dor está a desaparecer — vejo isso no teu rosto —, agora é apenas uma lembrança. Sobreviveste, mas de alguma forma... tudo tem uma sensação diferente. Uma sensação. Tu sentes.

Nada pode matar-te, Baudin?

Ele olhou para ela, depois franziu o sobrolho.

— Estamos vivos — disse a rapariga.

Ela imitou-o quando ele se pôs de pé com esforço. Estavam num arroio estreito, um desfiladeiro varrido por inundações repentinas com tamanha força que apanharam as curvas do canal com rochas do tamanho de crânios. O desfiladeiro tinha menos de cinco passos de largura, as paredes eram duas vezes maiores do que a altura de um homem, estriadas por camadas de areias de diversas cores.

O calor era feroz. O suor escorria-lhes pelas costas.

— Vês algum sítio para escalarmos para fora daqui? — perguntou ela.

— Estás a sentir o cheiro do otataral? — resmungou Baudin.

Um tremor percorreu-lhe os ossos. *Estamos de volta à ilha...*

— Não. E tu?

Ele abanou a cabeça negativamente.

— Não consigo sentir o cheiro de coisa nenhuma. Foi só uma ideia.

— E não das boas — rosou a rapariga. — Vamos procurar uma forma de sairmos daqui.

Esperas que te agradeça por me salvares a vida, não é? Estás à espera de

uma palavra que seja, ou talvez algo tão insignificante como um olhar, uma troca de olhares. Podes ficar à espera eternamente, bandido.

Caminharam pelo meio do estreito canal, cercados pelo zumbido de uma nuvem de moscas e pelos seus próprios ecos.

— Estou... mais pesado — disse Baudin ao fim de alguns minutos.

Ela parou e olhou para ele por cima do ombro.

— O quê?

Baudin encolheu os ombros.

— Mais pesado. — Ele massajou o seu próprio braço com a mão ilesa.

— Mais sólido. Não sei. Alguma coisa mudou.

Alguma coisa mudou. Felisin olhou para ele e as emoções dentro de si revolveram medos não ditos.

— Podia jurar que até os meus ossos estavam a arder — disse ele, e a sua testa enrugou-se ainda mais.

— Eu não mudei — disse ela, virando-se e continuando a caminhar. Ouvia-o a segui-la um momento depois.

Encontraram um canal lateral, uma fenda por onde as torrentes de água tinham corrido para se juntarem ao curso do canal principal, atravessando camadas de arenito. Aquela trilha perdeu imediatamente profundidade, tornando-se mais larga ao fim de mais ou menos vinte passos. Saíram perto de uma cordilheira de colinas irregulares que davam para um vale largo de terra gretada. Outras colinas, mais pontiagudas e irregulares, erguiam-se do outro lado, desfocadas pelas ondas de calor.

Avistaram uma silhueta de pé a cerca de quinhentos passos, no vale. Uma forma encurvada jazia a seus pés.

— Heboric — disse Baudin, semicerrando os olhos. — O que está de pé.

E o outro? Morto ou vivo? E quem?

Caminharam lado a lado na direção do ex-sacerdote, que agora os observava. As suas roupas também estavam queimadas, até restar pouco mais do que farrapos carbonizados. Apesar disso, a sua carne, sob aquela meada de tatuagens, estava imaculada.

Aproximaram-se, Heboric gesticulou na direção da sua própria cabeça careca.

— Fica-te bem, Baudin — disse, com um sorriso sarcástico.

— O quê? — O tom de Felisin soou cáustico. — Vocês os dois são uma irmandade agora?

A figura aos pés do velho era o mago, Kulp. O olhar de Felisin pousou sobre ele.

— Morto.

— Não exatamente — disse Heboric. — Ele vai sobreviver, mas bateu nalguma coisa quando caiu borda fora.

— Então acorda-o — disse Felisin. — Não estou a pensar ficar à espera neste calor para ele poder ter um sono de beleza. Estamos outra vez num deserto, velho, caso ainda não tenhas reparado. E deserto significa sede, já para não falar de que não temos comida nem mantimentos. E, finalmente, não fazemos ideia de onde estamos...

— No continente — disse Heboric. — Sete Cidades.

— Como é que sabes?

O ex-sacerdote encolheu os ombros.

— Eu sei.

Kulp gemeu, depois sentou-se. Uma das suas mãos apalpou com cuidado um inchaço acima do seu olho esquerdo, enquanto o mago olhava em redor. A sua expressão ficou sombria.

— O Sétimo Exército está acampado ali à frente — disse Felisin.

Por um momento, ele pareceu acreditar, depois sorriu exausto.

— Muito engraçado, rapariga. — Ele pôs-se de pé e perscrutou o horizonte por todos os lados, antes de inclinar a cabeça para trás e farejar o ar. Em seguida, declarou: — Continente.

— Porque é que todo esse cabelo branco não ardeu? — questionou Felisin. — Nem sequer foi chamuscado.

— O labirinto do dragão — disse Heboric. — O que era?

— Raios me partam se sei — Kulp admitiu, passando uma mão na madeixa branca do seu cabelo como se quisesse confirmar que ainda existia. — Talvez o Caos, uma tempestade do Caos no meio dos labirintos, não sei. Nunca vi nada parecido, embora isso não signifique muita coisa. Afinal de contas, não sou Ascendente...

— Eu que o diga — resmungou Felisin.

O mago estreitou os olhos na direção dela.

— As pústulas no seu rosto estão a desaparecer.

Desta vez foi ela que se sobressaltou. Baudin grunhiu. A rapariga virou-se para ele.

— Qual é a graça?

— Eu já tinha reparado, só que isso não te deixa mais bonita.

— Já chega — disse Heboric. — É meio-dia, o que quer dizer que vai aquecer antes de arrefecer. Temos de nos abrigar em algum lado.

— Algum sinal dos marinheiros? — questionou Kulp.

— Estão mortos — disse Felisin. — Eles foram para baixo do convés, mas o barco estava a arder. Mortos. Menos bocas para alimentar.

Ninguém respondeu a isso.

Kulp tomou a dianteira, evidentemente escolhendo como destino a cordilheira de colinas do outro lado. Os demais seguiram-no sem dizerem nada.

Vinte minutos depois, Kulp parou.

— É melhor andarmos mais rapidamente. Sinto o cheiro de uma tempestade a chegar.

Felisin bufou.

— Tudo o que consigo sentir é o fedor a suor. Estás demasiado perto, Baudin, vai-te embora.

— Tenho a certeza de que ele o faria, se pudesse — resmungou Heboric, com simpatia. Um momento depois, ele ergueu o olhar, surpreso, como se não quisesse ter dito aquilo em voz alta. O seu rosto de sapo contorceu-se de desalento.

Felisin esperou para ganhar fôlego antes de se virar para encarar o bandido. Os olhos pequenos de Baudin pareciam moedas desbotadas, inexpressivos.

— Guarda-costas — disse Kulp, acenando com a cabeça devagar. A sua voz soou fria ao dirigir-se a Heboric. — Desembuche logo. Quero saber quem é o nosso companheiro e a quem é que ele é leal. Não dei importância a isso antes porque Gesler e os seus soldados estavam à mão, mas já não estão. A rapariga tem um guarda-costas. Porquê? Neste momento, não consigo imaginar alguém que se importe com uma criatura de coração cruel como esta, o que quer dizer que a lealdade dele foi comprada. Quem é ela, Heboric?

O ex-sacerdote fez uma careta.

— A irmã de Tadore, mago.

Kulp pestanejou.

— Tadore? A Conselheira? Então o que é que, em nome do Encapuzado, estava ela a fazer numa mina?

— Ela mandou-me para lá — disse Felisin. — Você está certo. Não há nenhuma lealdade nisso. Eu era apenas mais uma no meio da matança de Unta.

Claramente abalado, o mago virou-se para Baudin.

— Você pertence à Garra, não é? — O ar ao redor de Kulp pareceu brilhar. Felisin percebeu que ele abria o seu labirinto. O mago mostrou os dentes. — O remorso da Conselheira, em carne e osso.

- Não à Garra — disse Heboric.
- A quê, então?
- Isso implica uma lição de história...
- Comece a falar.

— Uma velha rivalidade — disse o ex-sacerdote. — O Dançarino e Surly. O Dançarino criou um braço secreto para campanhas militares. Ao conservar o símbolo imperial de uma mão demoníaca a segurar uma esfera, batizou-os de suas Presas. Surly usou esse modelo para criar a Garra. As Presas eram externos, de fora do Império, mas os Garras eram internos, uma polícia secreta, uma rede de espiões e assassinos.

— Mas os Garras são usados em operações militares secretas — disse Kulp.

— São agora. Quando Surly se tornou regente na ausência de Kellanved e do Dançarino, enviou os seus Garras atrás das Presas. A traição começou sutilmente, uma sobreposição de missões desastrosas, mas alguém foi descuidado e revelou o jogo. As duas organizações lutaram até a um fim amargo.

— E a Garra venceu.

Heboric aquiesceu.

— Surly tornou-se Laseen, Laseen tornou-se Imperatriz. Os Garras ficaram sentados no topo de uma pilha de crânios como corvos bem alimentados. As Presas seguiram o caminho do Dançarino. Mortos ou desaparecidos... ou, como alguns pensam às vezes, tão clandestinos que *parecem* extintos. — O ex-sacerdote sorriu. — Como o próprio Dançarino, talvez.

Felisin contemplou Baudin. *Presas. O que é que minha irmã tem que ver com uma facção secreta de revivalistas que ainda se agarram à memória do Imperador e do Dançarino? Porque não usar um Garra? A não ser que ela precisasse de trabalhar sem o conhecimento de ninguém.*

— Era algo demasiado amargo para se contemplar no princípio — Heboric estava a dizer. — Colocar a sua irmã mais nova em grilhões como qualquer outra vítima comum. Um exemplo para proclamar a sua lealdade à Imperatriz...

— Não só a dela — disse Felisin. — A da Casa Paran. O nosso irmão é um renegado com Umbrago em Genabackis. Isso tornou-nos... vulneráveis.

— Correu tudo mal — disse Heboric, a olhar para Baudin. — Ela não devia ter ficado tanto tempo no Covil da Caveira, pois não?

Baudin abanou a cabeça.

— Não se consegue tirar uma pessoa que não quer sair. — Ele encolheu

os ombros, como se essas palavras fossem o bastante e não fosse dizer mais nada sobre o assunto.

— Então as Presas ainda existem — disse Heboric. — Quem é que vos comanda?

— Ninguém — respondeu Baudin. — Eu nasci lá dentro. Só sobrou um punhado, a vaguearem por aí, ou velhos a babarem-se, ou as duas coisas. Alguns filhos herdaram... o segredo. O Dançarino não está morto. Ele ascendeu, juntamente com Kellanved. O meu pai estava lá e viu, na Cidade de Malaz, na noite da Lua Sombria.

Kulp bufou, mas Heboric acenou com a cabeça.

— As minhas suposições estavam muito perto da verdade — disse o ex-sacerdote. — Demasiado perto na opinião de Laseen, como se provou. Ela suspeita ou já sabe, não é?

Baudin encolheu os ombros.

— Eu pergunto-lhe na próxima vez que falarmos.

— Já não preciso de um guarda-costas — disse Felisin. — Desaparece da minha vista, Baudin. Leva as preocupações da minha *irmã* para o outro lado dos portões do Encapuzado.

— Rapariga...

— Cala-te, Heboric. Eu vou tentar matar-te, Baudin. Sempre que tiver uma oportunidade. Vais ter de me matar para salvares a tua própria pele. Vai-te embora. Agora.

O homenzarrão surpreendeu-a novamente. Não fez nenhum apelo aos outros, limitou-se a voltar as costas, tomando um caminho à direita daquele por onde tinham estado a viajar.

Acabou-se. Ele está a ir embora. A desaparecer da minha vida, sem dizer uma única palavra. Ela olhou para ele, surpreendida pela pontada no seu coração.

— Caramba, Felisin — rosnou o ex-sacerdote. — Precisamos dele mais do que ele precisa de nós.

— Estou com vontade de me juntar a ele e de o arrastar comigo, Heboric — disse Kulp. — Deixe essa bruxa abominável sozinha e que o Encapuzado a leve com a minha bênção.

— Está à vontade — desafiou Felisin.

O mago ignorou-a.

— Assumi a responsabilidade de lhe salvar a pele, Heboric, e vou mantê-la porque Duiker me pediu. A decisão é sua, agora.

O velho abraçou-se a si mesmo.

— Eu devo-lhe a minha vida...

— Achei que te tinhas esquecido — Felisin sorriu com desdém.

Ele abanou a cabeça. Kulp suspirou.

— Está bem. Desconfio de que, no fim de contas, Baudin vai ficar melhor sem nós. Vamos andando antes que eu derreta, e talvez possa explicar-me o seu comentário sobre o Dançarino ainda estar vivo, hã, Heboric? É uma ideia bastante intrigante...

Felisin ignorou as palavras deles enquanto caminhava. *Isto não muda nada, querida irmã. O teu querido agente matou o meu amante, a única pessoa em todo o Covil da Caveira que me dava atenção. Eu era a missão de Baudin, nada mais, e pior, ele foi incompetente, um tolo desajeitado e teimoso. A carregar com ele o segredo do pai — que patético! Eu vou encontrar-te, Tavore! Lá, no meu rio de sangue. Isso prometo-te...*

— ... feitiçaria.

A palavra despertou-a. Lançou um olhar a Kulp, que acelerara o passo com o rosto pálido.

— O que é que disse? — perguntou ela.

— Disse que a tempestade que se vai abater sobre nós não é natural, foi o que eu disse.

Ela lançou um olhar para trás. Uma cortina de areia cortava a extensão do vale — as colinas que ela e Baudin tinham deixado há pouco desapareceram. A cortina avançou na direção deles como um leviatã.

— Acho que está na altura de fugirmos — Heboric arquejou ao lado dela. — Se conseguirmos chegar às colinas...

— Já sei onde estamos! — gritou Kulp. — Raraku! Aquilo é o Furacão!

Adiante, a mais ou menos duzentos passos de distância, erguiam-se as encostas irregulares e rochosas das colinas. Desfiladeiros profundos cortavam cada um dos montes, como as marcas deixadas por nervuras gigantescas.

Começaram a correr, sabendo que não chegariam a tempo. O vento que lhes atingiu as costas uivava como algo insano. Um momento depois, a areia engoliu-os.

— A verdade é que estávamos à procura do cadáver de Sha'ik.

O Violinista franziu a testa para o trell sentado à sua frente.

— Cadáver? Ela está morta? Como? Quando?

Isso foi obra tua, Kalam? Não posso acreditar...

— Iskaral Pust afirma que ela foi assassinada por uma tropa de Lâminas Vermelhas de Ehrlitan. Ou pelo menos foi o que o Baralho lhe sussurrou.

— Não fazia ideia de que o Baralho de Dragões conseguia ser tão preciso.

— Pelo que sei, não consegue.

Estavam sentados nos bancos de pedra, dentro de uma câmara funerária, pelo menos dois níveis abaixo dos covis preferidos do sacerdote da Sombra. Os bancos estavam presos a um muro mal esculpido que outrora tivera ladrilhos pintados, e os entalhes no calcário abaixo deles deixavam claro que na verdade os bancos eram pedestais, destinados a guardar os mortos.

O Violinista dobrou a perna, estendeu a mão e massageou com os nós dos dedos a carne ainda inchada em redor do osso curado. *Elixires, unguentos... a cura forçada ainda dói.* As suas emoções estavam sombrias — já há dias que o sumo-sacerdote da Sombra arranjava desculpas umas atrás das outras para adiar a partida deles, a última tinha sido a necessidade de mais mantimentos. De um modo estranho, Iskaral Pust fazia-o lembrar-se de Ben Ligeiro, o mago de regimento. Uma sucessão infundável de planos dentro de planos. Imaginava-se a descascá-los um a um, até ao âmago dos esquemas confusos feitos de uma mistura de padrões tortuosos. *É muito possível que a sua própria existência não passe de uma coleção de suposições baseadas em possibilidades e nas suas consequências. Pelo Abismo do Encapuzado, talvez isso seja tudo o que todos nós somos!*

O sumo-sacerdote fazia a sua cabeça rodopiar. *Tanto como Ben Ligeiro e esse espinho de Togg chamado Tremorlor. Uma Casa da Azath, como a Casa dos Mortos na Cidade de Malaz. Mas o que é que elas são exatamente? Alguém sabe? Alguma pessoa sequer?* Não havia nada além de rumores, avisos obscuros — e poucos, aliás. A maior parte das pessoas fazia o seu melhor para ignorar tais Casas — os habitantes da Cidade de Malaz pareciam alimentar uma ignorância quase deliberada. *«É apenas uma casa abandonada», dizem eles. «Nada de especial, exceto talvez por alguns fantasmas no jardim.» Mas nos olhos de alguns deles há algo de assustadiço.*

Tremorlor, uma Casa da Azath. *As pessoas sãs não vão à procura de lugares como esses.*

— Está a pensar em alguma, soldado? — Mappo Coto perguntou num tom de voz baixo. — Tenho estado a observar uma sucessão de expressões no seu rosto que poderiam encher uma parede no templo de Dessembræe.

Dessembræe. O Culto de Dassem.

— Parece que acabei de dizer algo indesejável para os seus ouvidos — continuou Mappo.

— Um dia um homem chega a um ponto em que todas as memórias são indesejáveis — disse o Violinista, a ranger os dentes. — Acho que cheguei a esse ponto, trell. Estou a sentir-me velho, desgastado. Pust tem algo em mente. Somos parte de algum esquema colossal que provavelmente nos vai matar em breve. Eu costumava pressentir coisas assim. Pode dizer-se que tinha um sexto sentido para os problemas. Mas não consigo perceber... não desta vez. Ele confundiu-me, pura e simplesmente.

— Acho que tem que ver com Apsalar — disse Mappo ao fim de um tempo.

— Sim. E isso preocupa-me. Muito. Ela não merece mais sofrimento.

— Icarium está atento a essa questão — disse o trell, semicerrando os olhos na direção das rochas gastas que cobriam o chão. O óleo do lampião estava a acabar, aumentando a escuridão da câmara. — Admito que me tenho perguntado se o sumo-sacerdote pretende forçar Apsalar a assumir um papel para o qual ela parece ter sido feita.

— Papel? Como por exemplo?

— A profecia de Sha'ik fala de um renascimento...

O sapador empalideceu, depois abanou veementemente a cabeça.

— Não. Ela não o faria. Esta terra não é a dela, a deusa do Furacão não significa nada para ela. Pust pode tentar forçar o que quiser; a rapariga vai recusar. Tome nota das minhas palavras. — Subitamente inquieto, o Violinista levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Os seus passos sussurravam ecos ténues na câmara. — Se Sha'ik está morta, está morta. Que o Encapuzado leve qualquer profecia obscura! O Apocalipse vai fracassar, o Furacão vai voltar a afundar-se no chão para dormir durante mais mil anos, ou qualquer que seja o tempo até que o próximo Ano de Dryjhna aconteça...

— Ainda assim, Pust parece atribuir bastante importância a esta rebelião — disse Mappo. — Está longe de acabar... pelo menos é nisso que ele acredita.

— Quantos deuses e Ascendentes é que participam nesse jogo, trell? — O Violinista fez uma pausa, a fitar o antigo guerreiro. — Ela parece-se fisicamente com Sha'ik?

Mappo encolheu os ombros.

— Vi a Vidente do Furacão apenas uma vez, e à distância. Pele clara para uma nativa das Sete Cidades. Olhos escuros. Não era particularmente alta nem imponente. Diz-se que o poder está... estava... nos seus olhos.

Escuros e cruéis. — Encolheu os ombros uma segunda vez. — Mais velha do que Apsalar. Talvez o dobro da idade dela. Mas o mesmo cabelo preto. Os detalhes são irrelevantes nos assuntos da fé e das profecias a ela subordinadas, Violinista. Talvez apenas o papel precise de renascer.

— A rapariga não está interessada em vingar-se do Império Malazano — grunhiu o sapador, começando a andar de um lado para o outro novamente.

— E quanto ao deus sombrio que outrora a possuiu?

— Desapareceu — rosnou ele. — Nada além de memórias, e felizmente poucas.

— Ainda assim, ela descobre mais todos os dias, verdade?

O Violinista nada disse. Se Crokus estivesse presente, as paredes ressoariam com a sua fúria — o rapaz tinha um temperamento feroz quando o assunto era Apsalar. Crokus era jovem, não era cruel por natureza, mas o sapador tinha a certeza de que o rapaz mataria Iskaral Pust sem hesitar diante da mera possibilidade de o sumo-sacerdote querer usar Apsalar. *E tentar matar Pust provavelmente seria um suicídio.* Desafiar um sacerdote dentro do seu antro nunca era uma atitude sábia.

Era verdade que a rapariga estava a descobrir as suas lembranças, e estas não a chocavam tanto quanto o Violinista esperara — *ou desejava*. Outro sinal perturbador. Embora dissesse a Mappo que Apsalar recusaria tal papel, o sapador precisava de admitir — ao menos para si mesmo — que lhe era impossível ter muita certeza.

Com as lembranças vinha a recordação do poder. *Temos de reconhecer que poucos — neste mundo ou em qualquer outro — voltariam as costas à promessa de poder.* Iskaral Pust devia saber disso muito bem, e tal conhecimento daria forma a qualquer oferta que viesse a fazer. *Assume esse papel, rapariga, e poderás derrubar um império...*

— Claro — disse Mappo, voltando a recostar-se na parede e suspirando — que podemos estar erroneamente a seguir o... — Ele inclinou-se para a frente outra vez, devagar, juntando as sobrancelhas. — ... Rasto.

O Violinista estreitou os olhos sobre o trell.

— O que é que quer dizer com isso?

— O Caminho das Mãos. A convergência de soletaken e d'ivers. Pust está envolvido.

— Explique.

Mappo apontou um dedo áspero para as rochas do chão por baixo deles.

— Nos níveis mais baixos deste templo existe uma câmara cujo chão, de ladrilhos, mostra uma série de gravuras que representam algo semelhante a

um Baralho de Dragões. Nem eu nem Icarium alguma vez vimos algo assim. Se for mesmo um Baralho, é uma versão Ancestral. Não de Casas, mas de Domínios, com forças mais elementares, mais cruas e primitivas.

— Como é que isso se relaciona com a metamorfose?

— Podemos ver o passado como algo semelhante a um livro velho e bafiento. Quanto mais se aproxima do início, mais fragmentadas são as páginas. Elas realmente desfazem-se nas nossas mãos, e ficamos com apenas um punhado de palavras... a maioria numa língua que nem sequer entendemos. — Mappo fechou os olhos por um longo momento, depois olhou para cima e disse: — Em algum lugar no meio dessas palavras esparsas está contada a história da criação dos metamorfoseadores... as forças que são soletaken e d'ivers são muito antigas, Violinista. Já eram velhas nos tempos Ancestrais. Nenhuma espécie pode reclamar supremacia, e isso inclui as quatro raças fundadoras: jaghut, forkrul assail, imass e k'chain che'malle. Nenhum metamorfoseador consegue tolerar outro, pelo menos, em circunstâncias normais. Há exceções, mas não preciso de falar sobre elas. Ainda assim, dentro de todos, existe uma fome tão profunda nos ossos como a própria febre bestial. A atração do *controlo*. Comandar todos os demais metamorfoseadores, criar um exército de tais criaturas, todas escravas do seu desejo. A partir de um exército, um império. Um império de ferocidade diferente de tudo o que já se viu anteriormente...

O Violinista grunhiu.

— Está a sugerir que um império composto de soletaken e d'ivers seria inerentemente pior, mais cruel do que qualquer outro? Estou surpreso, trell. A sordidez cresce como um cancro em toda e qualquer organização, humana ou não, como bem sabe. E a sordidez torna-se mais sórdida. Qualquer maldade que deixe à solta acaba por se tornar trivial. O problema é que se torna mais fácil acostumarmo-nos a ela do que a extirpar.

O sorriso que Mappo deu em resposta revelava um coração dilacerado.

— Disse bem, Violinista. Quando falei em ferocidade, quis dizer um miasma de caos. Mas concordo consigo; o terror prospera igualmente bem no meio da ordem. — Ele encolheu os ombros uma terceira vez e sentou-se mais direito, para aliviar o incómodo que sentia nas costas. — Os metamorfoseadores estão a reunir-se por causa da promessa de um portal através do qual poderão obter tal Ascendência. Para se tornarem um deus dos soletaken e d'ivers. Cada metamorfoseador não procura nada menos, e não tolerará nenhum obstáculo. Violinista, acreditamos que o portal está lá em baixo, e acreditamos que Iskaral Pust fará tudo o que puder para

evitar que os metamorfoseadores o encontrem, até semear falsos rastros no deserto, para imitar o rasto de marcas de mão que levam à localização do portal.

— E Pust tem um papel em mente para si e para Icarium?

— É provável — admitiu Mappo. O seu rosto ficou pálido de repente. — Acho que ele sabe sobre nós... sobre Icarium, na verdade. Ele *sabe*...

Sabe o quê? O Violinista ficou tentado a perguntar, mas percebeu que o trell não lhe explicaria de bom grado. O nome Icarium era conhecido — não amplamente, mas conhecido mesmo assim. Um viajante mestiço de jaghut ao redor de quem giravam, como o rasto mais negro, rumores de devastação, assassínios aterrorizantes, genocídios. O sapa-dor abanou a cabeça mentalmente. O Icarium que estava a começar a conhecer melhor fazia tais rumores parecerem grotescos. O jhag era generoso, compassivo. Se os horrores ainda o acompanhavam, deviam ser antigos — a juventude era uma época de excessos, afinal de contas. Aquele Icarium era demasiado sábio, demasiado marcado, para se afundar no rio de sangue do poder. O que é que Pust esperava que seria desencadeado por aqueles dois?

— Talvez você e Icarium sejam a última linha de defesa de Pust — disse o Violinista. — Se o Caminho convergir até aqui.

Sim, evitar que os metamorfoseadores alcancem o portal é uma coisa boa, mas a tentativa pode vir a ser fatal... ou, ao que parece, algo pior.

— É possível — admitiu Mappo de cara feia.

— Bom, podem partir.

O trell ergueu o olhar e sorriu ironicamente.

— Temo que Icarium tenha a sua própria busca. Assim sendo, vamos continuar aqui.

O Violinista estreitou os olhos.

— Vocês dois tentariam evitar que o portal fosse usado, não é? É isso que Iskaral Pust sabe, é com isso que está a contar, não é? Está a usar o vosso senso de dever e honra contra vocês.

— Um estratagema poderoso. E, dado a sua eficácia, ele pode muito bem vir a usá-lo novamente... em vocês os três.

O Violinista franziu o sobrolho.

— Ele teria sérias dificuldades em descobrir algo a que eu seja leal. Embora ser soldado se baseie em coisas como dever e honra, também é algo que supera o Encapuzado em ambos. Quanto a Crokus, a sua lealdade é com Apsalar. E quanto a ela... — Ele ficou em silêncio.

— Sim. — Mappo estendeu a mão e pousou-a no ombro no sapador.
— Agora consigo perceber a causa da sua angústia, Violinista, e simpatizar com ela.

— Vocês disseram que iriam acompanhar-nos até Tremorlor.

— E iremos. A jornada será conturbada. Icarium decidiu guiá-los.

— Então realmente existe.

— Certamente espero que sim.

— Acho que está na altura de nos reunirmos aos outros.

— E partilhar com eles os nossos pensamentos?

— Pelo sopro do Encapuzado, não!

O trell aquiesceu, pondo-se de pé.

O Violinista sibilou.

— O que é que foi? — perguntou Mappo.

— O lampião apagou-se. Já há algum tempo. Estamos às escuras, trell.

O templo era opressor, na opinião do Violinista. As gigantescas paredes robustas estavam inclinadas e vergadas nos níveis inferiores, como se cedessem sob o peso da pedra. O pó caía como água através de uma peneira em alguns pontos das juntas do teto, deixando pequenos montículos de pó no chão. Ele seguiu Mappo a cambalear enquanto subiam as escadas em espiral que os levariam de volta para aos outros.

Meia dúzia de bhok'aralas seguiam-nos pelo trajeto, cada um a segurar galhos frondosos que usavam para varrer e golpear as rochas enquanto avançavam depressa. O sapador ter-se-ia divertido mais se as criaturas não tivessem alcançado tamanha perfeição na sua imitação de Iskaral Pust e na sua obsessão com aranhas — até mesmo na concentração feroz exibida pelos seus rostos pretos, redondos e enrugados.

Mappo explicara que as criaturas veneravam o sumo-sacerdote. Não como um cão em relação ao seu dono, mas como acólitos para com o seu deus. Oferendas, símbolos obscuros e ícones caprichosos povoavam os seus rituais esquisitos. Muitos desses rituais pareciam envolver dejetos corporais. *Quando não se consegue produzir livros sagrados, produz-se aquilo que se consegue, acho eu.* As criaturas distraíam Iskaral Pust. Ele amaldiçoava-as, tinha começado a andar com um saco cheio de pedras. Atirava os mísseis aos bhok'aralas em cada oportunidade.

As criaturas aladas reuniam tais objetos enviados pelo seu deus e reverenciavam-nos claramente — o sumo-sacerdote tinha encontrado o saco

cuidadosamente cheio quando acordou na manhã seguinte. Pust tivera ataques de fúria repletos de chuva de saliva diante da descoberta.

Mappo quase tropeçou num amontoado de tochas no meio do caminho. A escuridão era sinónimo de sombras. Pust queria promover uma escolta para os sicários do seu deus. Cada um deles acendeu uma, sardonicamente conscientes do seu valor ulterior. Apesar de Mappo conseguir ver bastante bem sem a ajuda das tochas, o Violinista andava aos apalpões, com uma das mãos sempre agarrada às correias peitorais do trell.

Chegaram à escadaria e fizeram uma pausa. Os bhok'aralas mantiveram-se uma dúzia de passos para dentro do corredor, chilreando entre si numa discussão obscura, mas veemente.

— Icarium passou por aqui recentemente — disse Mappo.

— A sua sensibilidade é ampliada por feitiçaria? — inquiriu o Violinista.

— Não exatamente. Tem mais que ver com séculos de companheirismo...

— O que o une a ele, quer dizer.

O trell grunhiu.

— Não é apenas uma corrente, mas mil delas, soldado.

— A vossa amizade é assim um fardo tão grande, então?

— Alguns fardos são aceites de boa vontade.

O Violinista ficou em silêncio durante algum tempo.

— Dizem que Icarium é obcecado com o tempo. É verdade?

— É.

— Ele constrói máquinas bizarras para o medir e coloca-as em lugares por todo o mundo.

— Os seus mapas temporais, sim.

— Ele sente que se está a aproximar do objetivo, não? Está prestes a encontrar a resposta, aquela que você fará qualquer coisa para evitar. É essa a sua promessa, Mappo? Manter o jhag na ignorância?

— Em relação ao passado, sim. O passado dele.

— Essa ideia assusta-me, Mappo. Sem história não há crescimento...

— É verdade.

O sapador ficou em silêncio novamente. As coisas que ousava dizer tinham acabado. *Este enorme guerreiro carrega tamanha dor, tamanha tristeza. Icarium nunca se questionou? Nunca questionou essa parceria de séculos? E o que é a amizade para o jhag? Sem memória é uma ilusão, um acordo mantido à base de fé, e apenas fé. Como é que a generosidade de Icarium nasceu disto?*

Voltaram a andar, subindo os degraus de pedra côncavos. Depois de uma curta pausa, pontuada pelo que o Violinista se convenceu tratar-se de sussurros acalorados, os bhok'aralas calaram-se e deslizaram no seu encaicho outra vez.

Emergindo no nível principal, Mappo e o Violinista foram saudados pelo eco áspero de uma voz a gritar, ressoando no corredor, vinda da câmara do altar. O sapador fez uma careta.

— Deve ser Crokus.

— Presumo que não esteja a rezar.

Encontraram o jovem ladrão daru no limite mais extremo da sua paciência, a agarrar Iskaral Pust pela parte da frente das vestes e a encostá-lo contra a parte de trás do altar de pedra empoeirado. Os pés de Pust pairavam a trinta centímetros do chão de ladrilhos, sacudindo-se debilmente. Mais para o lado estava Apsalar, de braços cruzados, a observar a cena com uma expressão vazia.

O Violinista deu um passo em frente e pousou uma mão no ombro do rapaz.

— Estás a sufocá-lo, Crokus...

— É exatamente o que ele merece, Violinista!

— Não vou discutir isso, mas caso não tenhas reparado, as sombras estão a reunir-se.

— Ele está certo — disse Apsalar. — Já te tinha dito, Crokus. Estás a momentos dos Portões do Encapuzado.

O daru hesitou; em seguida, com um rosnado, largou Pust com um empurrão. O sumo-sacerdote escorregou pela parede, arquejando, depois endireitou-se e começou a ajeitar as vestes. Falou com a voz rouca:

— Juventude precipitada! Sou lembrado dos meus próprios gestos melodramáticos quando eu apenas andava vacilante no jardim da tia Tulla. Intimidava as galinhas quando não queriam usar os chapéus de palha que eu tinha demorado horas a tecer, incapazes de apreciar as tranças intrincadas que eu tinha criado. Eu ficava profundamente ofendido. — Ele inclinou a cabeça, sorrindo largamente para Crokus. — Ela vai ficar bem com o meu novo chapéu de palha melhorado...

O Violinista intercetou a investida de Crokus e agarrou o rapaz. Com a ajuda de Mappo, arrastou-o para trás enquanto o sumo-sacerdote fugia para longe, a rir-se.

A gargalhada transformou-se num ataque de tosse que fez Pust cambalear como se tivesse ficado cego de repente. Tateando com uma mão,

encontrou uma parede, na qual se recostou como um bêbedo. A tosse acabou com uma última tossidela, depois ele enxugou os olhos e ergueu-os.

Crokus grunhiu:

— Ele quer que Apsalar...

— Nós sabemos — disse o Violinista. — Nós descobrimos isso, rapaz. A questão é que isso é uma decisão dela, não é?

Mappo lançou-lhe um olhar surpreso. O sapador encolheu os ombros. *Sabedoria atrasada, mas acabei por lá chegar.*

— Já fui usada por um Ascendente antes — disse Apsalar. — Não serei usada de bom grado outra vez.

— Não será usada — sibilou Iskaral Pust, iniciando uma dança estranha. — Você conduz! Você comanda! Você impõe a sua vontade! Dita os termos! É livre para expressar cada acesso de mau humor, fazer cumprir cada capricho, agir como uma criança mimada e ainda ser louvada por isso! — Ele baixou-se de súbito, fez uma pausa, depois disse num sussurro: — Tais engodos para atrair! A autocrítica dispensada com um aceno da mão e o apelo dos privilégios, liberto! Ela hesita, tende para um lado... vejo-o nos seus olhos!

— Não — disse Apsalar friamente.

— Ela quer! Tal percepção na rapariga fê-la sentir cada um dos meus pensamentos... como se ela os pudesse ouvir! A sombra da Corda permanece dentro dela, um elo que não pode ser negado! Deuses, sou brilhante!

Com um grunhido de desdém, Apsalar retirou-se da câmara.

Iskaral Pust debandou atrás dela.

O Violinista deteve a tentativa do daru de os seguir.

— Ela consegue lidar com ele, Crokus — disse o sapador. — Isso devia ser claro, até para ti.

— Aqui há mais mistérios do que imagina — disse Mappo, franzindo o sobrolho nas costas do sumo-sacerdote.

Ouviram vozes no saguão, depois Icarium apareceu na entrada, vestindo a sua capa de couro de cervo com pó do deserto sobre a sua pele verde-escura. Viu a pergunta nos olhos de Mappo e encolheu os ombros.

— Ele deixou o templo. Segui-o até aos limites da tempestade.

— De quem é que estão a falar? — questionou o Violinista.

— Do servo — respondeu Mappo, franzindo ainda mais o sobrolho. Lançou um olhar a Crokus. — Acreditamos que ele é o pai de Apsalar.

Os olhos do rapaz arregalaram-se.

— Ele tem apenas um braço?

— Não — respondeu Icarium. — Mas o servo de Iskaral Pust é um pescador. Na verdade, a sua embarcação pode ser encontrada na câmara mais baixa deste templo. Ele fala malazano...

— O pai dela perdeu um braço no cerco de Li Heng — disse Crokus, a abanar a cabeça. — Ele estava entre os rebeldes que defenderam os muros, e o seu braço foi queimado quando o Exército Imperial retomou a cidade.

— Quando um deus intervém... — disse Mappo, depois encolheu os ombros. — Um dos seus braços parece... jovem, mais jovem do que o outro, Crokus. O servo recebeu ordens para se esconder quando vos trouxemos para cá. Pust estava a escondê-lo. Porquê?

— Não foi o Trono Sombrio que ordenou a possessão? — perguntou Icarium. — Quando Cotillion a tomou, o Trono Sombrio pode muito bem tê-lo tomado. Não faz muito sentido tentarmos adivinhar as motivações dele; o Senhor do Reino da Sombra é notoriamente obscuro. Mesmo assim, vejo uma certa lógica nessa possibilidade.

Crokus empalidecera. O seu olhar voou para a entrada vazia.

— Influência — sussurrou ele.

O Violinista percebeu imediatamente o que é que o daru queria dizer e virou-se para Icarium.

— Disse que a trilha do servo acabava na tempestade do Furacão. Espera-se que Sha'ik renasça em algum lugar em especial?

— O sumo-sacerdote disse que o seu corpo não foi retirado de onde caiu pelas mãos dos Lâminas Vermelhas.

— Dentro da tempestade?

O jhag assentiu.

— Ele estava a dizer-lhe agora mesmo — grunhiu Crokus, cerrando as mãos em punhos até os nós dos dedos ficarem brancos.

«Renasça, e reunir-se-á ao seu pai.»

— Uma vida dada por uma vida tomada — resmungou Mappo. O trell fitou o saporador. — Está suficientemente recuperado para uma perseguição?

O Violinista assentiu.

— Consigo cavalgar, caminhar... ou rastejar, se chegar a isso.

— Vou preparar a nossa partida, então.